

TEMAS COMO A RESPONSABILIDADE DO USUÁRIO DE DROGAS NO
COMENTAM ALGUMAS DAS FRASES MAIS POLÊMICAS DO FILME

CRUZADO

RELACIONAMENTO DAS ONGs COM TRAFICANTES

"Ninguém faz ONG no morro sem a permissão do tráfico. Esse papo de consciência social é pura hipocrisia"

Capitão Nascimento

Retratado no filme por um grupo de universitários alienados, cujo trabalho mais significativo é distribuir preservativos e que, para piorar, financia o tráfico consumindo e repassando a droga vendida pelo dono do morro, o terceiro setor reagiu. No portal do Observatório de Favelas, há um texto analisando aspectos de *Tropa de elite*, entre eles "a caricatura lamentável das ONGs". Embora evitem generalizar, alguns especialistas na área da segurança apontam o movimento social no Brasil como incipiente e necessitado de autonomia.

Raquel Willadino, do Observatório de Favelas, que funciona no Complexo da Maré, esquiva-se de radicalismos. "Não posso dizer que o que se

passa no filme é uma absoluta invenção, mas é importante lembrar que a composição das comunidades é muito heterogênea", explica. "Há locais em que você desenvolve um trabalho sem nenhum tipo de ingerência. O estereótipo é que é perigoso nessa história."

Para Alan Brum, coordenador do Raízes em Movimento, que funciona no Complexo do Alemão, o risco está na possibilidade de o público aceitar as mensagens passadas pelo filme como verdades absolutas. "Entendo que se trata de um recorte, da leitura feita por um capitão do Bope. E é isso mesmo o que eles pensam das ONGs, um bando de playboys que não têm nada para fazer. Minha preocupação é como o espectador, especialmente aquele sem o hábito de refletir sobre o que consome, vai entender."

Brum conta que a convivência com o tráfico é necessária. "Mas não se confunde com convivência", ressalta o cientista social. "Dependendo da atividade que vou desenvolver, preciso manter um diálogo direto com quem controla, sim. Outra coisa é o cara entrar na ONG para dar ordens, acho que isso não acontece."

O fato de a organização da sociedade civil depender de uma "permissão" para se estabelecer fisicamente na comunidade, rebate Antonio Flávio Testa, já demonstra falta de autonomia. "A transferência de poder começa aí", afirma o

sociólogo da UnB. Ele também critica os movimentos sociais ligados ao governo federal, representados pela Secretaria Especial de Direitos Humanos, por não se manifestarem contra as frequentes operações sangrentas da polícia no Rio. "Só falam em direito de perseguido político, dos desaparecidos", diz.

Sílvia Ramos, cientista política e estudiosa dos distúrbios da violência, destaca que qualquer ONG, especialmente aquelas formadas por pessoas que não são da comunidade, sempre terá de manter um grau mínimo de interlocução com o comando da área. Mas existem, destaca ela, regras tácitas, pelo menos entre as entidades sérias, para garantir independência e autonomia. "Os garotos não compram droga naquela área. As meninas não namoram com rapazes da comunidade", explica.

O Afroreggae é um exemplo. A entidade faz questão de ter núcleos em morros comandados por diferentes grupos para deixar clara sua autonomia. Mas nem todas conseguem a mesma independência. Caso emblemático é o de Jorge da Silva Siqueira. Líder comunitário da favela Kelsons, Zona Norte do Rio, Jorge não atendeu às ordens da milícia que comanda a região, e insistiu em continuar os projetos sociais da associação de moradores. Foi expulso da própria casa e, em setembro passado, morto.

CORRUPÇÃO POLICIAL

"Ele (o comandante) vai lá pegar o arrego do tráfico. Seis contos por semana"

Capitão Fábio, sobre a propina paga aos policiais para fazerem vista grossa

A corrupção escancarada no filme reflete uma verdadeira crise de valores, que não é exclusiva da categoria policial, segundo Renato De Vitto. Coordenador do IBCCrim, De Vitto ressalta que a questão está ligada a uma confusão histórica entre público e privado no país. "Não é a baixa remuneração, de forma isolada, que leva o policial a se corromper", diz. Sílvia Ramos, cientista social, destaca como maior contribuição de *Tropa de elite* a constatação de que pouco se sabe da rotina do policial.

"Que a polícia é corrupta já virou senso comum. Mas nunca houve no Brasil nem no Rio uma discussão séria sobre a vida interna dessa categoria. Conhecemos o dia-a-dia de médicos, professores, mas de policiais não sabemos quase nada", afirma a coordenadora do Cesec. "Vimos no filme que as próprias condições de trabalho podem levar um policial de bem a aceitar certos acordos. São espécies de 'convites' à corrupção que acontecem mesmo."

A solução para evitar os pequenos subornos, segundo Antonio Flávio Testa, da UnB, está em políticas de administração e de recursos humanos adequadas. Quanto à corrupção mais grave, destaca Testa, é preciso aumentar o rigor nas punições. "Ainda que seja penalizado inicialmente, o policial sabe que lá na frente será absolvido. E volta a reincidir", critica. Para o sociólogo Luiz Eduardo Soares, falta vontade política e sobra corporativismo dentro da polícia. "As corregedorias nunca funcionaram. São setores burocráticos, sem independência e pouco transparentes", ataca.

Mesmo com departamentos de apuração de infrações duvidosos, os números do mau serviço prestado à sociedade sustentam. No Rio de Janeiro, de janeiro a agosto deste ano, 146 policiais militares se

licenciaram ou foram excluídos da corporação. Extorsão apareceu como o delito mais frequente, em 45 casos, seguido de homicídio, motivo de 30 afastamentos.

Até setembro, de acordo com a Corregedoria da PM carioca, 161 policiais haviam sido expulsos — uma média de quase 20 por mês. Em São Paulo, que tem uma corporação de 90 mil homens, mais que o dobro dos 39 mil policiais militares do Rio, houve 110 expulsões e demissões este ano, 37 a menos que as ocorridas na instituição carioca.

Para Testa, a fragilidade no combate à corrupção nos quartéis começa ainda no recrutamento. "Geralmente quem ingressa vem das classes mais baixas. Então, muitos policiais têm primos, irmãos, amigos envolvidos em atividades ilícitas. E os laços de amizade são mais fortes do que o dever", afirma.

Mudar isso, enfatiza o sociólogo, depende de treinamento complexo que melhore a auto-estima do policial, além de uma reforma salarial. Testa defende ainda uma separação do espaço físico. "Não é bem um apartheid, mas moradias que deixassem a corporação afastada das zonas de conflito", explica. Um programa habitacional, reivindicação antiga da categoria, está contemplado no PAC da Segurança, lançado pelo presidente Lula há menos de dois meses. Resta saber se vai vingar.

A CULPA DO CONSUMIDOR

"Quantas crianças a gente vai ter que perder pro tráfico só pra um playboy enrolar um baseado?"

Capitão Nascimento

Um cúmplice involuntário do tráfico de drogas. Mas não o único responsável pela violência. É dessa forma que os estudiosos da segurança pública enxergam o papel da classe média consumidora de maconha e cocaína, que pela primeira vez se viu com o peso pela manutenção do tráfico nas costas. "Não há dúvida de que quem compra viabiliza a distribuição, financia, mas sem um casamento de armas e drogas não haveria violência", diz o sociólogo Luiz Eduardo Soares.

"Viena, Milão, Nova York mostram isso. Lá o traficante vende drogas e só, não anda armado nem mata devedores", afirma a cientista social Sílvia Ramos. Ela cita a ocupação de milícias, que hoje controlam cerca de 90 das mais de 700 favelas que o Rio tem, como exemplo de que a droga sozinha não provoca violência. "A questão está no controle armado. As milícias não vendem maconha, mas elas brigam entre si por outras fontes de renda, que são os serviços oferecidos à comunidade, tais como o moto-táxi, o ágio do bujão de gás, o gatonet, que é a assinatura de TV a cabo irregular, entre outros", explica Sílvia.

Os números da dobradinha arma e droga mostram o tamanho do problema que o Rio de Janeiro enfrenta. Das 5.799 armas apreendidas só no primeiro semestre do ano, 23,4% eram fuzis, metralhadoras e pistolas, armamento de alto potencial destrutivo. No mesmo período, foram recolhidas 7,2 toneladas de maconha e 70 quilos de cocaína. Em menor escala, tem aparecido crack na favela.

Tanta droga, destaca o sociólogo Antonio Flávio Testa, não tem como alvo apenas a classe média e alta. "Perpassa todos os segmentos da sociedade. O que precisamos fazer é discutir a legalização", diz. Para Sílvia, um grande consumidor que o tráfico tenta hoje ganhar são os meninos do próprio morro. "As drogas sintéticas, que chegam às mãos dos garotos de classe média sem passar pela favela, têm aumentado muito. A tendência é vender cada vez mais para o cara da região mesmo", afirma a cientista social. Testa discorda. "Sabemos que o jovem das camadas mais favorecidas faz um mix: usa ecstasy, LSD, mas também fuma maconha, bebe álcool", diz.